

De Itália a Portugal, e mais além

A colecção de vasos gregos de Francisco Zea Bermúdez y Navarro

Vera Mariz

ARTIS - Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal

Abstract This essay focuses on the collection of Greek ceramics gathered by Francisco Zea Bermúdez y Navarro during the second half of the nineteenth century in Lisbon. Building on the analysis of auction catalogues of the sales held after the collector's death, a holistic view of the collection of more than 50 vases is presented, considering the context of its formation and provenances. As a result, the horizons of knowledge of the effects of the excavations conducted at Vulci, Cerveteri and Tarquinia will be broadened, highlighting the links between the collections of Canino, Fesch, Campana, Zea Bermúdez and the sales that would later take place on the periphery of the antiquities market, in Portugal and Brazil.

Keywords Greek vases. Ceramics. Collecting. Antiquities market. Provenances.

Sumário 1 Introdução. – 2 Diplomata, mas também coleccionador de arte e antiguidades. – 3 A constituição e proveniências da colecção de vasos gregos. – 4 A reconstituição de alguns itinerários no mercado de antiguidades. – 5 Conclusão.

1 Introdução

A descoberta no ano de 1828 de mais de 3000 vasos nas sepulturas em redor da antiga cidade etrusca de Vulcos é vista como um momento de viragem na história do colecionismo e comercialização de vasos gregos no mercado internacional de antiguidades.¹ Observa-se, porém, que o estudo dos efeitos das escavações promovidas na Etrúria meridional neste período tem-se cingido sobretudo aos grandes mercados e colecções – públicas e privadas – da Europa, sediadas em cidades como Londres, Paris, Berlim, Munique ou São Petersbur-

go.² Inversamente, este artigo irá focar uma colecção periférica cujo percurso se cruza com as célebres colecções de Lucien Bonaparte (1775-1840), Joseph Fesch (1763-1839) e Giampietro Campana (1808-1880). Referimo-nos à colecção reunida em Lisboa, Portugal, pelo diplomata espanhol Francisco Zea Bermúdez y Navarro (1818-1883) na segunda metade do século XIX.

Em Portugal, tal como na restante Europa, a formação e disseminação do gosto por cerâmica grega está intimamente relacionada com a acção

Este estudo resulta de um financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através da bolsa de pós-doutoramento atribuída à autora (SFRH/BPD/116050/2016), participado pelo Fundo Social Europeu e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

1 Sparks 1996; Cook 1997; Nørskov 2002.

2 Bourgeois, Denoyelle 2013; Schmidt, Steinhart 2014; Halbertsma 2017.



Edizioni
Ca' Foscari

Peer review

Submitted	2021-12-07
Accepted	2022-03-11
Published	2022-10-24

Open access

© 2022 Mariz | 4.0



Citation Mariz, V. (2022). "De Itália a Portugal, e mais além. A colecção de vasos gregos de Francisco Zea Bermúdez y Navarro". *MDCCC*, 11, 81-100.

de diplomatas cuja carreira abrangeu estadas em Itália na época das descobertas de Herculano e Pompeios (Rocha Pereira 2007). Neste contexto, destaca-se a colecção da família Sousa e Holstein, cujas origens remontam a D. Manuel (1703-1759) e D. Alexandre (1751-1803), embaixadores em Roma, devendo-se a sua continuidade, em grande parte, a D. Pedro de Sousa e Holstein (1781-1850) (Rocha Pereira 1959; 2007; 2008; 2010). Concomitantemente, as viagens culturais pela Europa, embora pouco frequentes entre a elite portuguesa, também viriam a desempenhar um papel importante para a constituição destes acervos. Assim o atesta a colecção constituída por João Allen (1781-1848), rico comerciante e notável coleccionador, por ocasião do seu *Grand Tour* a Itália em 1826 (Morais, Ferreira 2018).

Estas e outras pequenas colecções existentes em Portugal no século XIX, como a do rei D. Fernando II (1816-1885) (Rocha Pereira 1975; 2008), do embaixador Costa Cabral (1803-1889) (Rocha Pereira 1975), ou do britânico Sir Francis Cook (1817-1901), visconde de Monserrate (Rocha Pereira 1959; Rodrigues 2017), não têm passado despercebidas à historiografia. O mesmo não se verifica em relação à colecção Zea Bermúdez, uma situação que pode ser explicada pelo desconhecimento quase absoluto do seu proprietário no âmbito da história do coleccionismo artístico e arqueológico, tanto em Portugal como em Espanha. Não menos importante, será o facto de a colecção ter sido dispersa no século XIX, desconhecendo-se o paradeiro de exemplares que porventura tivessem contribuído para preservar a sua memória.

Este artigo constitui a primeira abordagem ho-

lística à colecção de vasos gregos reunida por Zea Bermúdez, pretendendo ampliar o conhecimento acerca desta forma de coleccionismo em Portugal e as fronteiras da discussão em torno da história da comercialização de antiguidades na Europa de Oitocentos. A absoluta inexistência de estudos acerca deste caso explica a organização do trabalho em três partes: primeiro, pretendemos traçar a biografia do coleccionador, procurando compreender de que modo o seu percurso profissional influenciou o desenvolvimento do seu gosto e a formação da colecção de arte e antiguidades; no segundo momento, detemo-nos no acervo de vasos gregos, almejando a caracterização do conjunto e o apuramento das formas de constituição e proveniências; procurando, por fim, reconstituir o percurso de algumas destas obras no mercado de antiguidades após a morte do coleccionador.

A base deste estudo é formada por um conjunto de sete catálogos de leilões dispersos por diferentes bibliotecas, da Biblioteca Nacional de Portugal à National Gallery of Art Library, cujo conteúdo tem vindo a ser sistematizado de forma a permitir uma melhor análise da vasta colecção Zea Bermúdez.³ No âmbito deste estudo, disponibilizámos *online* o conjunto de dados relativo ao acervo de vasos gregos (Mariz 2021), procurando deste modo potenciar futuras abordagens. Simultaneamente, além de fontes de arquivo que nos permitiram traçar a biografia do coleccionador ou de catálogos de outros leilões e de exposições comerciais, debruçamo-nos particularmente sobre periódicos coevos, procurando, deste modo, reconstituir esta importante colecção e, eventualmente, contribuir para a sua redescoberta.

2 Diplomata, mas também coleccionador de arte e antiguidades

Francisco Salvador Geronimo José Zea Bermúdez y Navarro, filho de José de Zea Bermúdez y Buzo e Catalina Navarro y Rosas, nasceu a 10 de Junho de 1819 em Málaga, Espanha.⁴ Partilhava o nome com o tio paterno, Francisco de Zea Bermúdez y Buzo (1779-1850), o insigne diplomata e estadista que na qualidade de Secretário de Estado aboliu a *Ley Sálica*, permitindo a ascensão ao trono de Isabel II de Espanha (1830-1904) (Protásio 2016). Um outro tio paterno, Joaquín de Zea Bermúdez y Buzo (1794-1859), seguiria a mesma carreira, ten-

do importantes ligações a Portugal, onde actuou como diplomata, casou e fixou residência (Protásio 2016). Seguindo a tradição familiar, Francisco Zea Bermúdez y Navarro também se tornaria diplomata, tendo construído uma carreira de êxito que lhe granjeou reconhecimento internacional.

Embora a documentação relativa às primeiras décadas de vida de Zea Bermúdez seja escassa, sabemos que o início da sua carreira remonta ao ano de 1845, momento em que foi pela primeira vez nomeado diplomata agregado, não remunerado, da

³ Para este fim recorremos à base de dados do projeto *ORION - Art Collections and Collectors in Portugal* (ARTIS - Instituto de História da Arte, FLUL), que neste momento não se encontra ainda disponível para consulta pública.

⁴ *Expediente de clasificación de pensión de Morales Palmiro, Ermelinda 1883.*

legação espanhola em Bruxelas.⁵ Depois desta primeira experiência, viria a desempenhar o mesmo cargo em Lisboa (1848) e Viena (1850), antes de ascender ao cargo de diplomata agregado remunerado em Roma (1851). Pouco tempo depois, nesse mesmo ano, graças aos seus «méritos e serviços»,⁶ seria novamente transferido para Lisboa, cidade onde, três anos mais tarde, viria a desposar uma jovem aristocrata portuguesa, Ermelinda Maria Allen de Moraes Palmeiro (1832-1917), filha da 2ª baronesa da Regaleira.

O enlace teria lugar no palácio dos barões da Regaleira, no largo de São Domingos em Lisboa, mas Zea Bermúdez não irá fixar-se permanentemente na cidade antes do final dos anos 60. Efectivamente, entre 1854 e 1868, ano em que cessa actividade como consequência da deposição da rainha Isabel II, o diplomata viria ainda a desempenhar o cargo de secretário na Costa Rica (1856) e no México (1860), antes de regressar à Europa, actuando como primeiro secretário em Roma (1864 e 1865) e Viena (1864). Finalmente, no ano de 1867, seria nomeado para o cargo de Encarregado dos Negócios de Espanha em Constantinopla. Como resultado do êxito alcançado, seria condecorado com um conjunto apreciável de comendas, tanto em Espanha como em Portugal, Itália e no Império Otomano.

Por altura do final da sua carreira, Zea Bermúdez ter-se-á fixado permanentemente em Lisboa, no palácio dos barões da Regaleira [fig. 1]. Tratava-se de um edifício imponente, de fachada sóbria, localizado numa zona nobre e central da capital, cujos interiores ricamente decorados serviram de palco a sumptuosas festas organizadas desde os anos 40 pela 1ª viscondessa e baronesa da Regaleira, Ermelinda Allen Monteiro d'Almeida (1768-1858), tia da mãe da sua mulher. Já então o palácio era descrito como «um verdadeiro museu de coisas de arte e de elegância» (Fialho de Almeida 1925, 334-5), atestando o gosto da proprietária pelo coleccionismo artístico numa época em que esta prática e o mercado português não tinham ainda a expressão observada nas grandes capitais europeias.

Anos mais tarde, este palácio viria a albergar o acervo de Francisco Zea Bermúdez, um coleccionador cujo reconhecimento público em vida pare-

ce ter sido limitado, pelo menos até às vésperas da realização das partilhas da herança daquele que foi então considerado «um dos homens mais conhecidos na sociedade elegante de Lisboa». ⁷ Até então, a percepção pública da vida de Zea Bermúdez era dominada pela sua actividade profissional, como se depreende da análise de diferentes obituários que destacam, além de uma carreira de sucesso, a sua afabilidade, bondade e bom carácter.⁸

Todavia, a partir daquele momento, a propósito do leilão a realizar para efeito de partilhas, comeariam a surgir na imprensa referências à «preciosa»⁹ ou «soberba» colecção de arte, colocando em evidência a faceta de coleccionador e, não menos importante, validando o «seu gosto apurado e a sua competência em casos em que bem poucas pessoas podem proceder com segurança»,¹⁰ como seria o caso da cerâmica grega. Anos mais tarde, Zea Bermúdez continuaria a ser recordado como um «amateur passioné»,¹¹ cujo conhecimento e dedicação à colecção seriam materializados na organização de catálogos que após a sua morte serviriam de base para a produção dos catálogos dos leilões deste mesmo acervo («Catalogo dos quadros a oleo antigos» 1895).

O início da colecção deverá ser anterior à chegada do diplomata a Portugal, conforme sugere o conjunto de mais de 550 objectos catalogados para venda após o seu falecimento, um número que dificilmente seria alcançado num espaço de 15 anos. Mais plausível parece ser a hipótese de a constituição do acervo ter acompanhado o seu percurso profissional, beneficiando das afinidades do coleccionador com o mercado espanhol e das suas estadas em Itália ou no México, como indicia a proveniência de algumas das obras. Veja-se, por exemplo, o caso de uma pintura sobre madeira atribuída a Rafael (e mais tarde a Bronzino), representando *Flora e Zéfiro*, que teria sido encontrada durante a demolição de uma casa genovesa em Constantinopla (*Catalogue de Tableaux Anciens* 1883, 6), certamente durante o período em que o diplomata espanhol ali residiu; ou de duas estatuetas de ídolos aztecas (*Catalogue des Vases Etrusques* 1883, 7), possivelmente adquiridos aquando da sua missão no México.

⁵ As informações que se seguem sobre a carreira de Zea Bermúdez tiveram como fonte o seguinte documento: *Expediente de clasificación de pensión de Morales Palmiro, Ermelinda* 1883.

⁶ *Expediente de clasificación de pensión de Morales Palmiro, Ermelinda* 1883.

⁷ «Falleceu hontem» (*Diario Ilustrado*, 6 Janeiro 1883, 2).

⁸ «Morte sentida» (*Commercio de Portugal*, 7 Janeiro 1883, 2).

⁹ «Vae ser vendida» (*Jornal da Noite*, 24 Março 1883, 2).

¹⁰ «Leilão de quadros antigos» (*Commercio de Portugal*, 24 Março 1883, 2).

¹¹ «La collection Benavente» (*Le Temps*, 14 Maio 1896, 2).



Figura 1
O palácio dos barões da Regaleira, em Lisboa. Gravura publicada em *Diário Illustrado*, 13 de Agosto de 1891, 1.
Courtesy of BLX-Hemeroteca Municipal de Lisboa

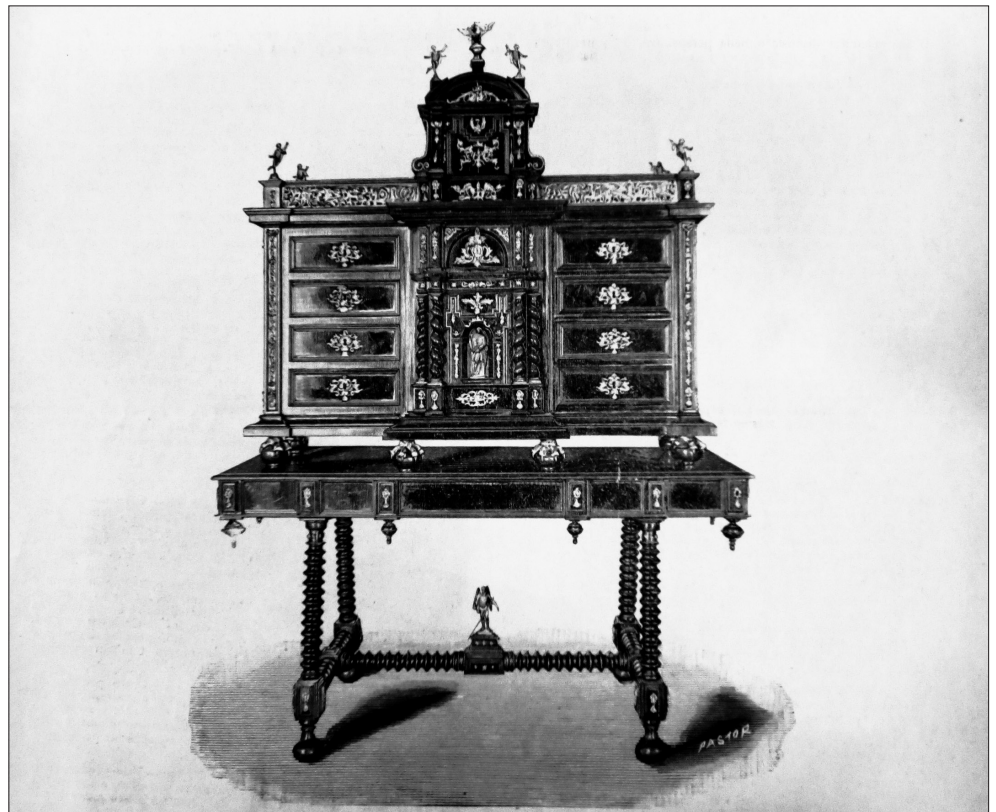


Figura 2
Contador em tartaruga e pau-santo da colecção Zea Bermúdez. Gravura. Salão de Vendas 1895, 13/16



Figura 3 Ticiano, *Jovem Príncipe*. Gravura a partir de pintura. Salão de Vendas 1895, 14

Por outro lado, há ainda a considerar a possibilidade de o gosto pelo colecionismo, bem como algumas obras, terem sido herdadas. Assim o sugere um artigo publicado no jornal *Le Figaro* por ocasião da venda de uma parcela da colecção em Paris, então apresentada como sendo o resultado de uma longa tradição da família Zea Bermúdez:

Les 'de Zea-Bermúdez' ambassadeurs et ministres de père en fils, ont conservé et la tradition diplomatique et le culte des arts; ils ont collectionné, à Madrid et dans leur palais Regaleira de Lisbonne, à prix d'or, des œuvres dignes de nos musées.¹²

De resto, outros jornais coevos, como o *Le Temps*, afirmam inclusivamente que a colecção da família Zea Bermúdez deve a sua origem ao eminente estadista Francisco de Zea Bermúdez y Buzo, que a te-

ria legado ao seu sobrinho, Francisco de Zea Bermúdez y Navarro.¹³ Este, por sua vez, segundo nos parece, terá não só conservado como ampliado a colecção através de sucessivas aquisições durante as suas missões diplomáticas, contribuindo de forma decisiva para a continuidade e evolução do acervo.

Embora a tradição de uma carreira diplomática tenha sido continuada por um dos três filhos do colecionador, o mesmo não se verificaria em relação à manutenção da colecção de arte e antiguidades. Efectivamente, pouco depois do falecimento do diplomata a 5 de Janeiro de 1883, teria início o processo de dispersão das preciosidades reunidas no palácio do Largo de São Domingos. Como tantos outros colecionadores da época, Zea Bermúdez não terá deixado disposições relativas ao futuro da colecção, tendo falecido repentinamente com um testamento cerrado datado de 1864 no qual determina que além da metade dos bens pertencentes, por direito, à sua mulher, lhe deixava, também, tudo aquilo que por lei podia dispor livremente, sem afectar a quota legítima pertencente aos filhos.¹⁴

Consequentemente, entre os anos de 1883 e 1896 assistir-se-ia à dispersão da colecção em pelo menos quatro leilões, ao que acresce uma doação feita pela viúva à Academia Real de Belas Artes no ano de 1890.¹⁵ Os primeiros leilões, realizados nos anos de 1883, 1890 e 1895, teriam lugar em Lisboa, enquanto a derradeira venda realizar-se-ia em Paris, no ano de 1896. Este longo processo de dispersão impossibilita um conhecimento directo da colecção e dificulta largamente o entendimento do gosto do colecionador. Contudo, são também estas vendas públicas e, em concreto, os catálogos produzidos para este efeito que, na ausência de inventários ou de outra documentação, nos permitem obter uma imagem global da colecção.¹⁶

A sistematização da informação contida em sete catálogos relativos a quatro vendas distintas, revela a existência de uma colecção constituída por mais de 550 objectos. No panorama português oitocentista, no qual os grandes acervos privados eram raros, esta era, pois, uma colecção «extremamente vasta para colecção particular», como garante o escritor Fialho de Almeida (1893, 2) na época. Não obstante o ecletismo do conjunto, a análise

¹² «Une vente a sensation» (*Le Figaro*, 12 Maio 1896, 1).

¹³ «La collection Benavente» (*Le Temps*, 14 Maio 1896, 2).

¹⁴ *Imposto sucessório de Francisco Zea Bermúdez* 1883.

¹⁵ *Carta de Ermelinda de Morais Palmeiro Zea Bermúdez* 1890. Estas obras integram actualmente a colecção do Museu Nacional de Arte Antiga, apresentando os números de inventário 948 Pint, 949 Pint, 950 Pint, 953 Pint e 44 Esc.

¹⁶ *Catalogue de Tableaux Anciens* 1883; *Catalogue des Vases Étrusques* 1883; *Catalogue de Tableaux Anciens Vases Étrusques* 1883; *Catalogue de Tableaux Anciens* 1890; *Catalogue de Tableaux Anciens* 1894; «Catalogo dos quadros a oleo antigos» 1895; *Collection de Mme la Vicomtesse de Benavente* 1896.

dos catálogos revela que Zea Bermúdez foi, sobretudo, um coleccionador de pintura, tendo reunido cerca de 300 obras, maioritariamente trabalhos de artistas italianos do século XVII. Paralelamente a esta galeria, o diplomata reuniu uma interessante colecção de artes decorativas na qual se observa um claro predomínio da cerâmica europeia, exibida a par de esculturas de Bernini, estatuetas aztecas, mesas indo-portuguesas, candelabros Luís XV, cristais de Veneza, rendas *Point d'Angleterre*, ou narguilés persas [figg. 2-3].

Tratava-se, portanto, de um conjunto eclético que reflectia amplamente o gosto dominante em

Portugal e Espanha por pintura antiga e antiguidades, com uma presença reduzida de produção moderna, mas que, por outro lado, se destaca pela notável dimensão da galeria de pintura e, sobretudo, pela representação de núcleos invulgares no panorama português. São estes os casos dos vasos gregos ou das antiguidades pré-colombianas que, a par da restante colecção, acabam por reflectir fielmente o percurso biográfico do coleccionador, denunciando um claro proveito das suas circunstâncias profissionais para a constituição e enriquecimento do acervo.

3 A constituição e proveniências da colecção de vasos gregos

O interesse e gosto de Zea Bermúdez por cerâmica grega parece ser indissociável da sua ocupação profissional que, como vimos, abrangeu períodos de actividade em Itália na segunda metade do século XIX, ou seja, durante a época áurea do colecionismo de vasos gregos (Bothmer 1983). Como é conhecido, as escavações realizadas a partir da década de 20 nas antigas necrópoles localizadas nos arredores de Vulcos, Cerveteri ou Tarquínia, entre outras, dinamizariam o mercado de antiguidades europeu por vários anos, suscitando o aparecimento de inúmeros negociantes e coleccionadores cujos acervos, quando dispersos, estariam por sua vez na origem de novas colecções, como a que agora apresentamos.

Através da família e graças ao seu próprio percurso pessoal e profissional, Zea Bermúdez terá sido exposto desde cedo ao ambiente cultural, científico e arqueológico espanhol de Oitocentos. Neste contexto, é provável que tivesse um conhecimento e contacto prévio com as importantes colecções de antiguidades existentes na sua pátria, Espanha. Ao contrário do que se verificava em Portugal, o país vizinho contava com um número apreciável de acervos públicos e privados: a própria família real – primeiro com Felipe V (1683-1746) e mais tarde com Carlos III (1716-1788) e Carlos IV (1748-1819), acompanhara a redescoberta da arte grega no século XVIII e estimulara o seu estudo e colecionismo (Aquilué e Cabrera 2019).

No dealbar do novo século, o protagonismo seria assumido pela aristocracia e alta-burguesia, cujas colecções privadas – através de compras, legados ou doações – acabariam por enriquecer os acervos das instituições públicas, caso do Museo Arqueológico Nacional fundado em 1867. Entre as colecções privadas, a mais importante terá sido a do Marquês de Salamanca (1811-1883), que não só realizou as suas aquisições no mercado de antigui-

dades italiano, como financiou e participou em escavações arqueológicas (Beltrán Fortes 2007). Em 1874 a extraordinária colecção de vasos, terracotas e outros objectos, seria adquirida pelo Museo Arqueológico Nacional, datando de 1876 uma outra incorporação relevante: o acervo de antiguidades gregas de D. Tomás Asensi (Cabrera Bonet 1993). O Gabinete de Antiguidades de la Real Academia de la Historia beneficiaria igualmente destas iniciativas privadas, como representa a doação da coleção do orientalista Pascual de Gayangos (Almagro-Gorbea 2017). Outros conjuntos formados no mesmo período conservar-se-iam no local original de reunião: entre estas destaca-se a colecção de vasos gregos do duque de Alba, reunida no Palacio de Liri (Conde, Fernández 2019), bem como o caso mais tardio do marquês de Cerralbo (Martín 2015).

A realidade em Portugal, onde o diplomata viria a residir, era manifestamente mais modesta e menos provável de ter exercido qualquer influência, existindo no país, além das poucas (e pequenas) colecções privadas já mencionadas, as peças de cerâmica de origem grega fortuitamente descobertas no ano de 1874 em Alcácer do Sal (Rocha Pereira 1955). De resto, não obstante os esforços realizados pelo inspector da Academia de Belas Artes, o marquês de Sousa Holstein (1838-1878), no sentido de fortalecer a pequena colecção de arqueologia da instituição (Xavier 2014), só em 1884 viria a ser fundado o Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia.

Dada a dispersão da colecção Zea Bermúdez, os catálogos elaborados para os leilões realizados entre 1883 e 1896 constituem a melhor fonte para o estudo do acervo que, como era habitual na época, é descrito como sendo ‘etrusco’. Em relação à sua extensão, foram identificados 51 exemplares distribuídos pelas vendas realizadas nos anos de

1883 e 1895, a par de algumas lucernas, estatuetas e máscaras (Mariz 2021). No contexto internacional este número é obviamente modesto, mas considerando que a mais conhecida das colecções portuguesas da época, a dos duques de Palmela, era constituída por 62 vasos (Serrão 2001), será legítimo assumir que a colecção Zea Bermúdez reunida no palácio dos barões da Regaleira rivalizava em importância com aquela reunida ao longo de várias gerações pelos Sousa e Holstein no Palácio do Calhariz, em Lisboa.

Embora um número considerável de peças seja genericamente designada como ‘vaso’, em termos de tipologia, os dados reunidos colocam em evidência a diversidade do conjunto, sendo possível verificar a existência de variados recipientes em forma de *amphora*, *kylix*, *lekythos*, *alábastron*, *kálpis*, *kelébe*, *kotyle*, *oinochoe*, *oxybaphon*, *stamnos*, etc., ... Simultaneamente, as descrições contidas nos catálogos permitem apurar alguma informação acerca da decoração de um número considerável de vasos, deparando-nos tanto com exemplares de figuras vermelhas como de figuras negras, nos quais são representadas cenas e figuras mitológicas como Dioniso (ali identificado como Baco), rodeado de bacantes dançando; a apoteose de Hércules (nomeado Hércules), libações, ou composições com guerreiros, animais fantásticos e sátiros, exibindo, em alguns casos, inscrições.

A não inclusão de imagens nos catálogos dificulta o estudo e avaliação das obras que, em alguns casos, são descritas pelos responsáveis pelos leilões como sendo exemplares notáveis, pela sua beleza, elegância e raridade, classificando-as como verdadeiras obras de colecção. Estas considerações validam o gosto e erudição de Zea Bermúdez, um homem culto que estaria certamente familiarizado com a importância histórica, científica e cultural das escavações realizadas na Etrúria meridional a partir do final dos anos 20 por Lucien Bonaparte e Alexandrina de Bleschamp (1778-1855), príncipe e princesa de Canino, entre outros. Assim o atesta a proveniência dos vasos da sua colecção, cuja relação com os sítios arqueológicos febrilmente explorados naquele período é revelada pelos catálogos das vendas realizadas em Lisboa.

A importância concedida à proveniência destas obras como forma de atestar a relevância e autenticidade da colecção fica bem patente no catálogo de 1883, que se inicia com uma referência aos locais de descoberta destes vasos: Canino, Corneto (Tarquinia) e Cerveteri. A par desta referência genérica não é fornecida informação específica para cada um dos lotes, com excepção para duas cálices, ou cálices, descritas como sendo provenientes de Nola, cidade conhecida pela cerâmica ática de excelência e por ter alimentado o mercado europeu de antiguidades antes da descoberta das necrópoles da Etrúria meridional (Lyons 2007).

Mais tarde, nos catálogos publicados nos anos de 1894 e 1895, seriam feitas novas referências genéricas a Nola, Cerveteri, Canino e Magna Grécia, descrevendo-se, ainda, dois vasos funerários em barro preto, com inscrições e carrancas nas asas, encontrados numa câmara sepulcral da necrópole de Norchia no ano de 1846. Igualmente pormenorizada é a descrição de uma pequena taça de fundo marfim com figuras negras e vermelhas, exibindo um banquete de deuses e inscrições, então considerada uma «veritable chef d’oeuvre de céramique étrusque-hellénique» (*Catalogue de Tableaux Anciens* 1894). Neste caso, segundo os catálogos, tratar-se-ia do vaso número 4 proveniente da necrópole de Chiusi, a mesma cidade em que o famoso Vaso François foi descoberto no ano de 1844.

Estes catálogos fazem referência não somente à proveniência arqueológica das peças, mas, também, ao seu histórico de proprietários, estabelecendo ligações com as ilustres colecções de Lucien Bonaparte, do Cardeal Joseph Fesch e de Giampietro Campana. As circunstâncias em torno das transferências de propriedade mantêm-se, no entanto, desconhecidas, sendo possível que as aquisições tenham sido realizadas tanto através de antiquários, como em exposições comerciais ou leilões, em Itália ou em qualquer outro mercado europeu. A este respeito note-se que as três colecções com ligações ao acervo do diplomata espanhol foram dispersas em vendas realizadas um pouco por toda a Europa, de Paris a Londres, passando por Frankfurt ou Roterdão, entre as décadas de 30 e 50 de Oitocentos (Sarti 2014; Halbertsma 2017; *Les collections du cardinal Fesch*).



Diz um jornal que no concelho de Santa Cruz, na ilha das Flores, estão funcionando duas camaras municipaes simultaneamente e cada uma em sua casa. Ha ali dois paços do concelho e duas edilidades. O collega censura o caso tachando-o de immoral; queria provavelmente que as duas camaras vivessem em familia, gozando commumente de casa, cama, mesa e pucarinha, como os melho-res dos esposos, ou como as camaras hereditaria e electiva...

Sempre o collega é muito ingenuo! Deixe lá as camaras viverem divorciadas á vontade e não se amofine ao vêr um municipio gerido por partidas dobradas, visto que da concorrência nasce a melhoria do serviço...

Pena é que em Lisboa se não adopte o mesmo systema, servindo, em vez de duas, tres camaras municipaes, para o que teriamos presidentes de sobejo

Se o Gregorio presidente,
Mer'cedor de todo o gabo,
P'ra poder servir a gente
Da pell' quizesse dar cabo,
Partindo-se unicamente
Em posta, cabeça e rabo...



A *Gazeta de Franchfort* fazia n'um dos seus ultimos numeros o seguinte annuncio:

«Correcção do nariz.

Os narizes demasiadamente largos, grossos, achatados ou arrebitados são reduzidos a proporções convenientes pelo *Instituto Cosmetico* de Baden-Baden.

Á hora a que escrevemos consta-nos que os srs. Pequito, visconde do Rio Sado, Alves da Fonseca e um corista da Trindade, cujo nome ignoramos, já escreveram para Baden-Baden, resolvidos a sujeitar os respectivos narizes ao tratamento do *Instituto*.



O *Jornal da Noite* começava assim um dos seus artigos de fundo: «É fóra de toda a duvida que Portugal atravessa uma das quadras mais serenas, mais pacificas e mais animadoras da sua existencia nos ultimos annos.» Ao menos valha-nos isso; já que este pobre diabo, que nos primeiros annos da sua existencia teve uma vida tempestuosa e violenta, fazendo dar agoa pela barba aos que hoje lhe puxam as abas do capote disfructa agora os *ultimos annos da sua existencia*, como o collega serio confessa, é justo que atravesse uma das quadras mais serenas, mais pacificas e mais animadoras de que ha memoria na chronologia das *quadras nacionaes*, incluindo aquella da cantiga popular:

«Zai que noite tão brilhante
Que inté brilham nas estrellas!
Deus do ceu sabe fazel-as
Que é o auctor mais circumstante...»



Obra na forja

Na famosa officina onde o pae Fontes
Forja e tempéra de Zilu as armas,
Uma velha pedia aos bons *artistas*
Rocheiasse... de *bombas* de bom lote
O arsenal do sobredito agosto.

Eia, socios, mãos á obra,
Toca, toca martellando,
Obedeça-se ao que mando
Eu, primeiro mandador:
Bata o malho na bigorna,
Tome o *ferro* varias fórmas,
Surjam limpas as *reformas*
Caldeadas a primor.

E os *artistas*, animados,
Mettem todos mãos á obra,
E não param na manobra,
Bumba, bumba, zás que traz
E verá quem tiver olhos
Como breve surdem frescas
As *reformas* pepinescas
Contra a féra hydra voraz.



O governo tinha votado a somma de cinco contos de réis para a compra d'um pote etrusco que foi á praça no leilão Bermundes, mas o visconde de Daupias, que sabe da poda, atravessou-se no lance e comprou o pote por mil e quinhentas libras! Não se desconsole o governo por ter ficado a chuchar no dedo com o olho no pote, e se quer dispender os cinco contos falle connosco,

Porque temos cá em casa,
Herdados de nossa avó,
Potes de mais d'uma asa
E potes d'uma asa só...

4 A reconstituição de alguns itinerários no mercado de antiguidades

Face à escassez de documentação, acompanhar o percurso dos vasos da colecção Zea Bermúdez nos meandros do mercado de antiguidades e no seio de colecções particulares e públicas é uma tarefa complexa. Ainda assim, e não obstante a persistência de algumas lacunas, é possível reconstituir alguns destes itinerários. Para tal, é necessário recuar até aos leilões realizados nos anos de 1883 e 1895.

As referências ao primeiro leilão realizado após a morte de Francisco Zea Bermúdez para efeitos de partilhas entre os herdeiros começam a surgir na imprensa no final do mês de Março de 1883, notando-se desde logo o destaque concedido à «grande collecção de vasos etruscos»¹⁷ constituída por «57 exemplares magníficos, que não deixará de ter comprador» [fig. 4].¹⁸ Embora o número de colecionadores de cerâmica grega em Portugal fosse limitado, é claro que os horizontes dos organizadores da venda, nomeadamente Casimiro Cândido da Cunha, um dos principais agentes de leilões de então, eram bastante mais amplos. Assim o comprova o facto de o catálogo da venda realizada entre os dias 12 e 18 de Abril de 1883, no palácio dos barões da Regaleira, ter sido redigido em francês, procurando deste modo alcançar um público internacional aliciado pela presença de exemplares descritos como «très belle» (*Catalogue des Vases Etrusques* 1883, 4-5).

Possivelmente através da imprensa, o assunto chegaria, também, à Câmara dos Deputados, datando das vésperas do início do leilão, uma intervenção de Mariano de Carvalho (1836-1905) a favor da aquisição da colecção pelo Estado português. Tratava-se, como o deputado alertava, de uma oportunidade única de adquirir a um preço vantajoso um acervo pouco comum em Portugal, o que permitiria enriquecer os museus nacionais, numa altura em que, note-se, se preparava a abertura do Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia. A mesma opinião era partilhada pelo presidente do Conselho de Ministros, Fontes Pereira de Melo (1819-1887), que inclusivamente já teria examinado os objectos a leiloar, tendo concluído que a colecção tinha efectivamente «valor real e importante» (Câmara dos Senhores Deputados 1883, 1024).

Considerando, a par da carência dos museus nacionais, a importância desta colecção e a sua raridade no território português, o assunto terá si-

do discutido, também, no Conselho de Ministros. O maior entrave residia, porém, na falta de verbas no orçamento do governo para concretizar esta compra que, aliás, considerando a precária situação económica e financeira do país poderia ser «talvez mal vista» (Câmara dos Senhores Deputados 1883, 1024). A solução passaria, segundo proposta do presidente do Conselho de Ministros, por recorrer a uma verba de cerca de 5:000\$000 réis que constituía uma receita do Estado relacionada com a *Exposição de Arte Ornamental* realizada em Lisboa no ano anterior, e que não teria tido ainda aplicação.

Colocada a votação, a proposta de aquisição acabaria por ser aprovada pela Câmara dos Deputados, mas não sem oposição de um dos seus membros, António Maria de Carvalho, para quem o sacrifício financeiro não era justificável face à complicada situação económica do país. Outro argumento utilizado pelo deputado prendia-se com a geral e crónica indiferença demonstrada por sucessivos governos em termos de protecção do património artístico nacional, confessando, a este propósito, sérias dúvidas acerca da capacidade de o Estado manter em seu poder a dita colecção.

Posição semelhante seria assumida na imprensa pelo escritor Ramalho Ortigão (1836-1915), que viria a corroborar publicamente a falta de conhecimento sobre vasos gregos em Portugal, escarhecendo do pretendo entendimento dos deputados que propuseram e aprovaram a aquisição daqueles «cacos feiíssimos» (Ramalho Ortigão, *Eça de Queiroz* 1883, 13). Conhecido crítico da indiferença e incapacidade do Estado português na protecção e promoção do património artístico nacional, Ramalho considerava incoerente que a verba em questão fosse aplicada na aquisição de antiguidades gregas, quando o ensino artístico e os artistas vivos careciam de apoio e encorajamento.

A venda dos vasos gregos acabaria por ter lugar nos últimos dias do leilão realizado no palácio do Largo de São Domingos, a 17 de Abril de 1883. No entanto, apesar do interesse do governo português, a «rica e valiosa collecção etrusca»¹⁹ viria a ser arrematado pelo visconde de Daupias (1818-1900) por 6:457\$000 réis, um valor consideravelmente superior à verba votada pela Câmara de Deputados para esta aquisição, o que pode explicar o fracasso das pretensões nacionais.

¹⁷ «Grande leilão» (*Diario Illustrado*, 1 Abril 1883, 3).

¹⁸ «Leilão de quadros antigos» (*Commercio de Portugal*, 24 Março 1883, 2).

¹⁹ «Por ordem do sr. visconde Daupias» (*Diario Illustrado*, 19 Abril 1883, 3).

Tal como Zea Bermúdez, Pedro Eugénio Daupias era, sobretudo, um coleccionador de pintura, cuja galeria reunida na sua residência em Alcântara era das melhores do seu tempo. Todavia, fruto de um gosto eclético comum na época, Daupias era também proprietário de uma interessante colecção de artes decorativas, da qual fazia parte um núcleo de cerâmica numeroso (Gonçalves 2020), embora aparentemente sem obras semelhantes àquelas que viria a adquirir em 1883. À data do leilão Zea Bermúdez, o rico capitalista e industrial encontrar-se-ia em Paris, motivo pelo qual, tendo conhecimento da realização da venda, terá ordenado a aquisição dos vasos e, possivelmente, de outras obras de arte, através de um telegrama,²⁰ revelando, pois, grande interesse pelo conjunto [fig. 5].

Após esta transacção, a colecção transitaria do palácio de São Domingos para as galerias do palacete Daupias, onde viria a ser exposta num grande armário holandês envidraçado, conforme descreve uma testemunha da época (Breyner 1934). Ali seria vista no ano de 1891 por Alexandre Boutroué (1846-1899) que visita Portugal e o sul de Espanha no âmbito de uma missão arqueológica ao serviço do Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux Arts de França. No seu relatório, Boutroué (1893) viria a destacar uma pequena colecção de vasos gregos, da qual depositaria doze fotografias na Bibliothèque de l'École des Beaux-Arts de Paris. Do conjunto destacava duas obras: o vaso catalogado com o no. 7 que, conforme revela, teria sido publicado por Eduard Gerhard (1795-1867) na obra *Auserlesene Griechische Vasenbilder* (1843); e o vaso no. 13, que classifica como «un des beaux produits de la céramique peinte du V^e siècle avant J.-C.» (Boutroué 1893, 5).

A importante referência à obra de Gerhard permite-nos não só recuperar uma imagem do vaso no. 7, como enriquecer o conhecimento acerca do seu percurso no mercado de antiguidades. A peça em questão foi descrita em 1843 sob o número CXV e o título «Die Lernaische Hydra», remetendo-nos para a cena principal representada num dos lados do colo desta ânfora de figuras negras: a derrota da Hidra de Lerna por Hércules, sendo esta, de acordo com Gerhard (1843, 43), «Eine der ausgezeichnetsten Darstellungen dieses Mythos» [fig. 6]. Nesta representação, o herói surge acompanhado de Palas Atena e de uma quadriga conduzida, possivelmente, por Iolau, observando-se

na mesma área, na face oposta, uma Amazonomaquia, ou combate de Amazonas. Segue-se o bojo do vaso ricamente decorado por sucessivos frisos transversais ornamentados com representações de menores dimensões de elementos florais, arabescos, sátiros e animais fantásticos. Trata-se, segundo nos parece, de uma composição semelhante à da ânfora catalogada por John Beazley com o número 350219, da Goethe-Universität, Antikensammlung.²¹

À data da realização do estudo do arqueólogo alemão, o vaso pertencia ao negociante de arte 'Basseggio' de Roma, ou seja, Giuseppe Basseggio, um dos mais activos e conhecidos antiquários da época, com estabelecimento na área da Piazza di Spagna. A sua profícua relação profissional com Lucien e Alexandrina Bonaparte é conhecida da historiografia, sabendo-se que foi comprador frequente de vasos provenientes das escavações realizadas na propriedade dos príncipes de Canino (Costantini 1998; Bernard 2017). Seria, pois, este o caso do dito vaso no. 7 da colecção Daupias, cuja numeração é, na verdade, herdada da colecção Zea Bermúdez, como se compreende ao comparar a descrição e desenhos publicados por Gerhard, com a descrição que consta do catálogo do leilão realizado em Lisboa no ano de 1883, no qual se destaca a beleza da peça e a expressividade das figuras pintadas.

Embora desconhecendo as circunstâncias exactas da aquisição de Zea Bermúdez, é certo que este vaso, possivelmente descoberto em Vulcos, pertenceu anteriormente a Basseggio, tendo transitado em 1883 para a colecção do conde de Daupias. Este acervo seria, por sua vez, disperso em três leilões realizados nos anos de 1892 e 1894 em Paris, e em 1910 em Lisboa, não tendo identificado qualquer referência à colecção de vasos gregos nos respectivos catálogos. Certo é que, como revelámos em outra ocasião (Mariz 2018), alguns destes vasos reaparecerão no Rio de Janeiro, na posse de José dos Santos Libório (1850-1923).

A primeira vez que este influente negociante de arte português oferece para venda, no Brasil, uma «collecção de 31 exemplares de escultura e cerâmica Etrusca, Egypcia, Grega e Romana» (Libório 1912), é no mês de Fevereiro de 1912, numa exposição comercial promovida no palácio da Escola Nacional de Belas Artes. Embora no catálogo desta *Exposição d'Arte Retrospectiva* não seja feita referência à proveniência das peças, um ano mais tar-

²⁰ «Leilão de objectos de arte» (*O Economista*, 13 Abril 1883, 2).

²¹ *Beazley Archive Pottery Database*, vase no. 350219. <http://www.beazley.ox.ac.uk/record/C759ECA9-18A9-4222-9CD-1-B9188574468A>.



Figura 6 Eduard Gerhard, *Die Lernaische Hydra*. Desenho. Gerhard 1843. © Universitätsbibliothek Heidelberg

de, em Março de 1913, o mesmo comerciante viria a realizar uma nova venda no Rio de Janeiro, desta feita no Hotel dos Estrangeiros, em cujo catálogo se promovem 31 lotes relativos a uma

collecção de exemplares de cerâmica e escultura em mármore, proveniente das escavações de Pompeia, [que] foi adquirida na Itália pelo diplomata hespanhol Zea Bermúdez, após cujo falecimento passou a pertencer ao Conde Daupias, sendo depois vendida no leilão judicial das collecções deste titular português. (Libório 1913)

Embora as informações relativas à proveniência do conjunto não sejam propriamente exactas, podendo explicar a alusão a Pompeios pelo maior peso que esta teria no imaginário colectivo quando em comparação com Vulcos, Cerveteri ou Tarquínia, estes catálogos não só nos permitem seguir o percurso destes vasos, como obter imagens dos mesmos [fig. 7].

Efectivamente, ao comparar as fotografias publicadas nestes catálogos editados nos anos de

1912 e 1913, com as descrições dos lotes colocados à venda em 1883 no leilão Zea Bermúdez e adquiridos pelo conde de Daupias, é possível estabelecer pelo menos cinco correspondências que poderão futuramente auxiliar na identificação da localização destas peças (Mariz 2021). Com efeito, o destino destes objectos após a exposição realizada em 1913 permanece, até ao momento, uma incógnita. Observa-se, no entanto, uma excepção, a que nos referimos num outro estudo (Mariz 2018): a ânfora de produção ática adquirida muito possivelmente naquela ocasião, no Hotel dos Estrangeiros, por um coleccionador brasileiro, o Dr. José Prestes, cuja actual localização é desconhecida [fig. 8].

Além do conjunto de cerca de 40 lotes colocado na praça em Lisboa no ano de 1883, cujo percurso logramos reconstituir até ao momento de uma nova transacção no Rio de Janeiro quase 30 anos mais tarde, há ainda a considerar os 21 vasos leiloados no ano de 1895. Embora tenha sido publicado um catálogo em francês no ano anterior, esta venda só se concretizaria a partir do dia 18 de Fevereiro de 1895, cabendo a organização à Empre-

sa Liquidadora. Desta feita, o leilão teria lugar na nova residência da viúva de Zea Bermúdez, na Rua Castilho no.11, 2º andar, em Lisboa, sendo constituído pelos bens que D. Ermelinda reservara para si aquando das partilhas realizadas em 1883, por isso, o «melhor entre o bom que constituía esta galeria tão justamente afamada» («Catalogo dos quadros a oleo antigos» 1895, 3).

Através do catálogo então publicado no boletim da liquidadora pertencente ao já mencionado José dos Santos Libório, o *Salão de Vendas*, é possível saber que o remanescente da colecção de cerâmica grega se encontrava reunido numa das salas da residência da viúva. Entre os exemplares exibidos encontrava-se um conjunto de seis peças destacadas no catálogo redigido em francês um ano antes como sendo uma «collection très rare» (*Catalogue de Tableaux Anciens* 1894) proveniente de escavações promovidas pelo príncipe de Canino, fazendo-se ainda referência ao facto de estes vasos em específico se encontrarem fotografados, o que na época constituía um factor de valorização, no sentido em que permitia a sua divulgação. Embora não seja possível confirmar a qualidade destas e das restantes peças, destaque-se a forma como muitos dos lotes são descritos como verdadeiras «pièce d'amateur», «très estimée des connaisseurs» (*Catalogue de Tableaux Anciens* 1894), consagrando, como tal, o falecido coleccionador ao mesmo tempo que se procurava atrair novos compradores sequiosos de possuir peças com tal importância.

Contudo, e não obstante a publicidade feita na imprensa, os resultados da venda não terão sido totalmente satisfatórios, o que se explica, em grande parte, pelo difícil momento económico e financeiro então vivido em Portugal. Por um lado, de acordo com a empresa responsável pelo leilão, a afluência não terá sido grande, sendo constituída sobretudo por «amadores e apreciadores d'arte»²² que, compreendendo o valor de muitos dos objectos, se terão mostrado disponíveis a pagar elevadas somas. Por outro lado, no que diz respeito aos vasos gregos, ao contrário do que se verificou, por exemplo, no âmbito dos cristais e das faianças, objectos amplamente disputados, o interesse terá sido muitíssimo limitado, verificando-se que, apesar das bases de licitação serem

relativamente baixas, estes lotes acabariam por não obter lances superiores.

Esta falta de entusiasmo que se encontra, sem dúvida, relacionada com o limitado entendimento e, conseqüentemente, valorização desta produção artística para o estudo da evolução da pintura grega, bem como com as especificidades do coleccionismo arqueológico, não era, contudo, exclusiva dos coleccionadores particulares. Afinal, também o governo terá perdido nesta ocasião uma segunda oportunidade de adquirir um conjunto que em muito contribuiria para o enriquecimento do Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia, onde, conforme se recordava (e lamentava) na época, não existiam exemplares cuja qualidade fosse comparável à destes agora colocados no mercado.

A não aquisição destas obras pelo Estado, uma vez mais possivelmente devido a restrições orçamentais, dificulta largamente a reconstituição do seu percurso até à actualidade. Ainda assim, é plausível que pelo menos dois vasos tenham sido adquiridos por Michel'Angelo Lambertini (1862-1920), figura maior da cultura portuguesa, com um contributo incontornável na área da música, tanto como músico, compositor, maestro, musicólogo ou coleccionador. Além de instrumentos musicais, Lambertini, foi também um notável coleccionador de pintura e artes decorativas, tendo reunido um apreciável museu particular no seu palacete da Avenida da Liberdade no. 156, em Lisboa.

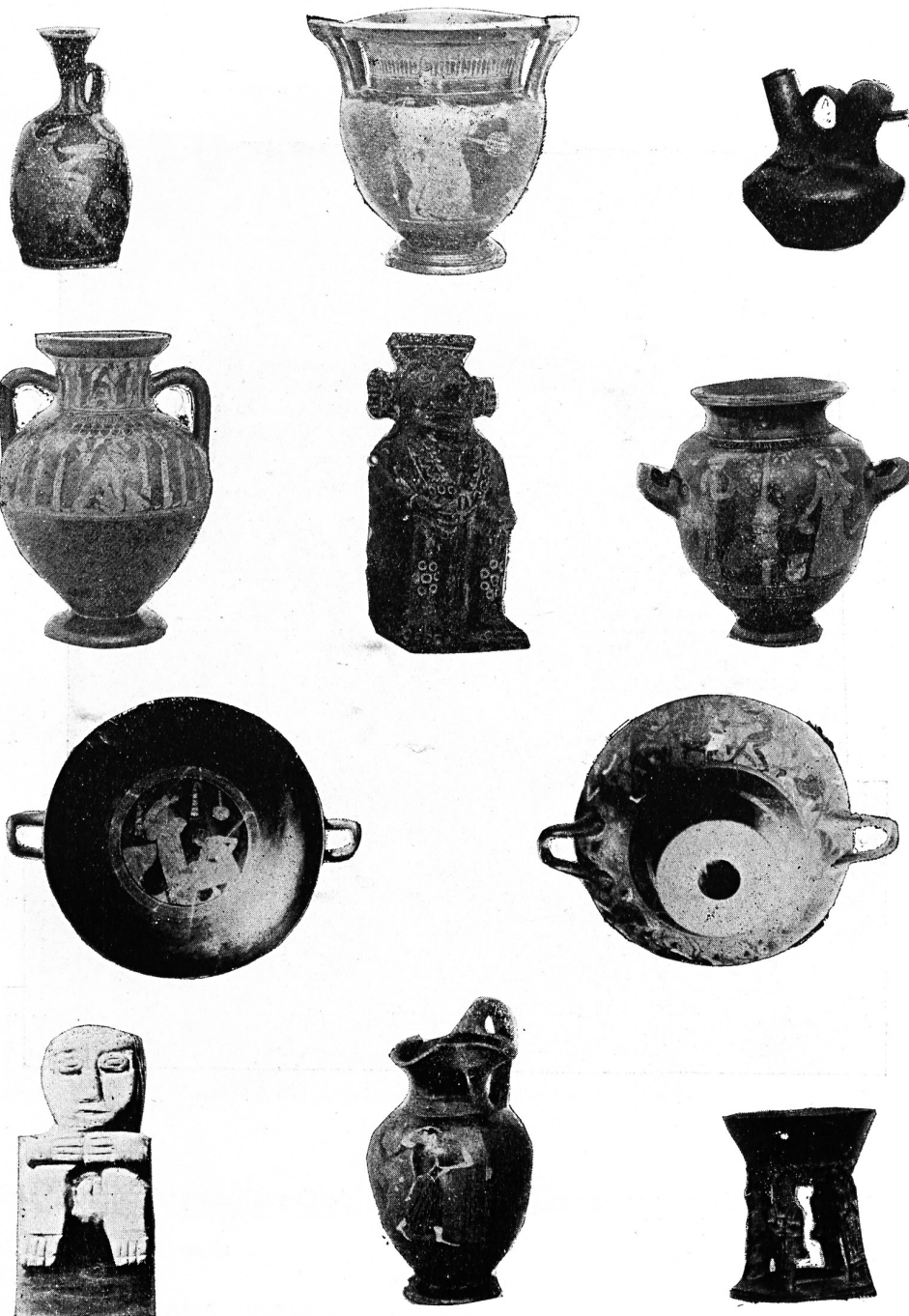
Ali no seu gabinete de trabalho de linhas modernas e sóbrias, Lambertini exibia em 1906, a par de uma cópia de uma obra de Donatello em mármore, de um busto de Jesus da autoria de François-Raoul Larche, de um desenho a carvão de José Malhoa, e de outras obras reveladoras do seu gosto eclético, «um gomil e jarro etrusco»,²³ que sabemos agora tratar-se de vasos provenientes da colecção Zea Bermúdez [fig. 9]. Assim o confirma uma lista de objectos colocados à venda pelo próprio coleccionador, em data desconhecida, da qual constam duas referências ao dito gomil (possivelmente uma enócoa), com figuras de animais, e a um jarro «etrusco», como sendo provenientes da «antiga collecção Zea Bermúdez».²⁴ Estes serão, todavia, apenas dois dos lotes leiloados no ano de 1895. Qual terá sido o destino dos restantes?

22 «Dois leilões notáveis» (*Salão de Vendas. Boletim da Empresa Liquidadora* 3, 3 Março 1895, 21).

23 «Habitações Artísticas. A casa do sr. Miguel Angelo Lambertini» (*Ilustração Portuguesa*, 11 Junho 1906, 502-11: 504).

24 *Lista de objectos d'arte e outros que põe em venda Michel'Angelo Lambertini*, s/d.

Escultura e Cerâmica



15

15—**Escultura e cerâmica**, colecção de 31 exemplares de escultura e cerâmica Etrusca, Egypcia, Grega e Romana (*algumas gravuras*).



1 e 2 — Aspectos das salas de recepção

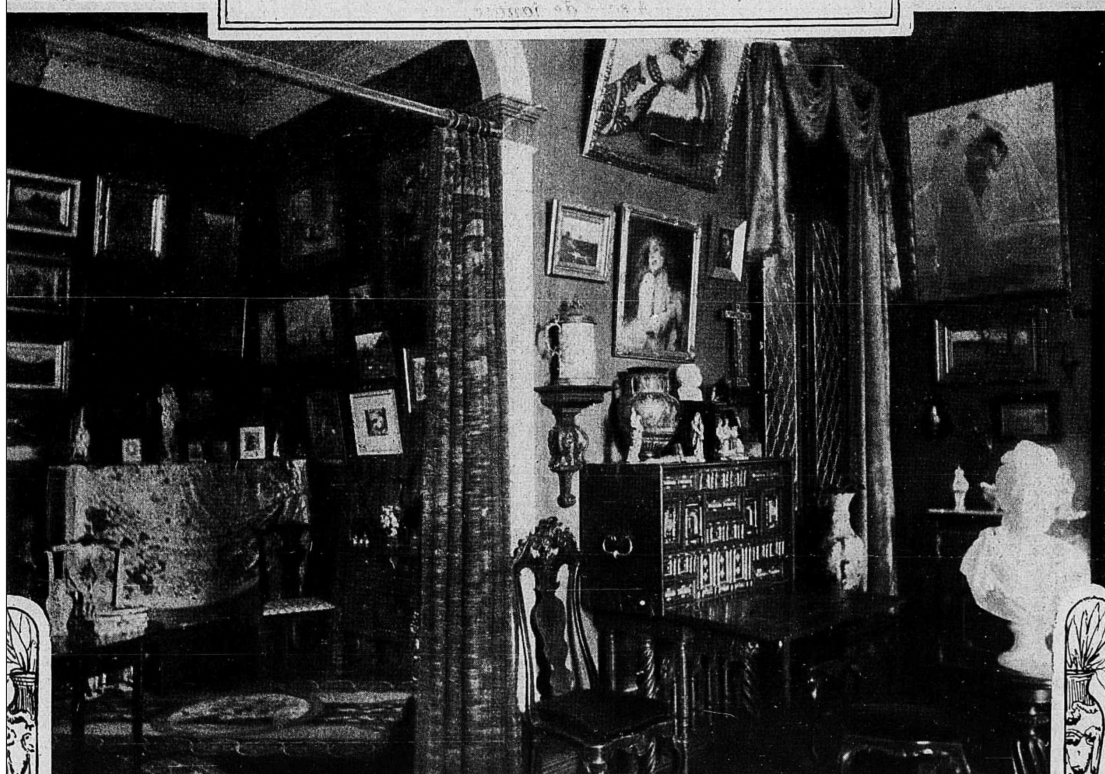


Figura 8 Vistas da sala de recepção da residência do Dr. José Prestes, no Leme, Rio de Janeiro, observando-se um dos vasos da colecção Zea Bermúdez/Daupias sob o contador. Fotografia. «Interiores Elegantes» 1914. Courtesy of BLX-Hemeroteca Municipal de Lisboa



Gabinete de trabalho, «modern-style», projecto e decoração de Henry de Varoquier

gosto musical. O sr. Lambertini foi a alma d'essa reacção, abalanchando-se a canalisar o gosto dos amadores da sublime arte musical para a musica de camara.

Elle, José Relvas e D. Luiz da Cunha de Menezes foram os grandes propulsores do novo movimento na esthetica do publico. D'esse impulso sahio a *Escola de Musica de Camara*, fundada em 1901 e que até hoje, com mais ou menos figuras de amadores ou artistas profissionais, tem executado em series, termo medio de oito concertos annuaes, as obras de Beethoven, Mozart, Haydn, Schubert, Mendelssohn, Cesar Franck, Godard, Grieg, Saint-Saens, Klughardt, Kuhlman, Sinding, e muitos outros auctores, verdadeiras individualidades capazes de actuarem na educação das massas. Nas audições musicas



Oratorio em estylo Luiz XV

da *Escola da Musica de Camara*, tão bem recebidas pela critica, o sr. Miguel Angelo Lambertini tem geralmente uma parte importante — o piano. As vezes esse instrumento, nas mãos do sr. Lambertini, parece dirigir a execução dos trechos musicas, de interpretação quasi sempre difficil, tal é a justeza, quantidade de som adequado, vigor, brilho, nitidez e delicadeza com que o pianista concorre para a harmonia do conjunto. Depois, o sr. Lambertini sabe comunicar o seu fogo sagrado da arte, o seu entusiasmo, a sua propria proficiencia aos seus colaboradores na obra de renovação do gosto publico. Por isso as sessões musicas d'essa *Escola* vão n'um crescendo de interesse, de anno para anno, e não pouca influencia tem exercido no afinamento do gosto lisboeta.



5 Conclusão

Francisco Zea Bermúdez foi, sobretudo, um colecionador de pintura antiga. Assim o indicam os catálogos produzidos após a sua morte com o intuito de levar a cabo a venda da colecção para efeito de partilhas entre os herdeiros. No entanto, uma análise atenta destas mesmas fontes revela que o diplomata espanhol foi, na realidade, um colecionador eclético, cujo gosto pelas artes decorativas e antiguidades estava bem alinhado com as práticas colecionistas internacionais que, de resto, acompanharia de forma directa, entusiástica e informada, seja pelas circunstâncias da sua profissão, seja por influência familiar.

Sem menosprezar a importância da primazia alcançada pela galeria de pintura, a colecção de vasos gregos terá sido decisiva para criar no palácio do Largo de São Domingos um cenário pouco comum em Portugal. Numa época em que as colecções de cerâmica ática eram raras no país, Zea Bermúdez acabaria por influenciar, de forma directa e indirecta, outros colecionadores portugueses, nomeadamente por ocasião dos leilões do seu acervo. Por outro lado, estes mesmos eventos

colocariam em evidência as limitações culturais e económicas do Estado português que, por duas vezes, não aproveitaria a oportunidade para enriquecer o então bastante limitado acervo arqueológico nacional. O facto de grande parte da colecção ter eventualmente rumado ao Rio de Janeiro, Brasil, na tentativa encontrar maior interesse é, de resto, ilustrativo deste cenário dominado pela pouca expressividade do colecionismo de cerâmica grega em Portugal neste período.

A reconstituição da história da constituição e dispersão da colecção de vasos gregos de Francisco Zea Bermúdez não é, evidentemente, um assunto encerrado. Não restam, porém, dúvidas acerca do seu interesse tanto no contexto nacional como internacional: por um lado, foi uma das poucas (e seguramente das maiores) colecções de vasos gregos existentes em Portugal na segunda metade do século XIX; por outro lado, permite expandir os horizontes conhecidos do alcance e efeitos das escavações realizadas na Etrúria meridional, reforçando a complexidade da história do colecionismo e comércio de vasos gregos na Europa oitocentista.

Bibliografia

- Almagro-Gorbea, M. (2017). «El Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la Historia». *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, 35, 1736-51.
- Aquilué, X.; Cabrera Bonet, P. (2019). «La formación de las colecciones arqueológicas griegas en España y Portugal». *Iberia Graeca. Arte griego en los museos y colecciones de la península Ibérica*. Barcelona: Centro Iberia Graeca, 13-24.
- Béltran Fortes, J. (2007). «El marqués de Salamanca (1811-1883) y su colección escultórica: esculturas romanas procedentes de “Paestum” y “Cales”». Béltran Fortes, J.; Cacciotti, B.; Palma Venetucci, B. (eds), *Arqueología, coleccionismo y antigüedad: España e Italia en el siglo XIX*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 37-64.
- Bernard, M.A. (2017). «Without Adding Any Line of Drawing. The Restoration of the Canino Vases: Principles, Reality and Actors». *Halbertsma* 2017, 93-101.
- Bordalo Pinheiro, R. (1883). «O governo tinha votado». *O António Maria* (19 Abril), 123.
- Bothmer, D. von (1983). «The Vases of Nelson Bunker Hunt». Tompkins, J.F. (ed.), *The Wealth of the Ancient World*. Fort Worth: Kimbell Art Museum, 37-44.
- Bourgeois, B.; Denoyelle, M. (éds) (2013). *L'Europe du Vase Antique. Collectionneurs, savants, restaurateurs aux XVIIIe et XIXe siècles*. Rennes: Presses Universitaires De Rennes.
- Boutroue, A. (1893). *Rapport à M. le ministre de l'Instruction publique et des beaux-arts sur une mission archéologique en Portugal et dans le sud de l'Espagne*. Paris: Leroux.
- Breyner, T.M. (1934). *Memórias do Professor Thomaz de Mello Breyner, 4º Conde de Mafra, 1880-1883*. Lisboa: Oficina Grafica, L.da.
- Cabrera Bonet, P. (1993). «Historia de la colección de antigüedades griegas y etrusco-italicas del Museo Arqueológico Nacional». *Boletín de la ANABAD*, 3-4, 79-104.
- Câmara dos Senhores Deputados (1883). «Sessão de 11 de Abril de 1883». *Diario da Câmara dos Senhores Deputados*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1021-5.
- Carta de Ermelinda de Moraes Palmeiro Zea Bermúdez – PT-ANBA-ANBA-B-001-00002_m0975* (1890). Arquivo da Academia Nacional de Belas Artes. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- «Catalogo dos quadros a oleo antigos, gravuras, moveis antigos, vasos gregos, porcelanas, e mais objectos d'arte de que se compõe a magnifica collecção Zea Bermúdez». *Salão de Vendas. Boletim da Empresa Liquidadora* 2 (17 Fevereiro 1895), 13-19.
- Catalogue de Tableaux Anciens de Feu. Mr. de Zea Bermúdez* (1883). Lisboa: Tipographia da Viúva Sousa Neves.
- Catalogue des Vases Etrusques de Mr. F. de Zea Bermúdez* (1883). Lisboa: Mattos Moreira & Cardosos.
- Catalogue de Tableaux Anciens Vases Étrusques (Grande Grèce et Nola) Meubles Anciens Italiens et Espagnols de Feu Mr. de Zea Bermúdez* (1883). Lisboa: Tipographia da Viúva Sousa Neves.
- Catalogue de Tableaux Anciens de Feu. Mr. de Zea Bermúdez* (1890). Lisboa: Tipographia da Viúva Sousa Neves.
- Catalogue de Tableaux Anciens de Feu. Mr. de Zea Bermúdez* (1894). Lisboa: Typ. e Lith. A Vapor.
- Collection de Mme la Vicomtesse de Benavente. Tableaux anciens* (1896). Paris: Lib. Imp. Réunies.
- Conde, M.M.; Fernández, C.S. (2019). «La cerámica griega de la colección de la Fundación Casa De Alba (Palacio De Liria, Madrid)». Aquilué, X.; Cabrera, P. (eds), *Iberia Graeca. Arte griego en los museos y colecciones de la península Ibérica*. Barcelona: Centro Iberia Graeca, 79-90.
- Cook, R.M., (1997). *Greek Painted Pottery*. London; New York: Routledge.
- Costantini, A. (1998). «Roma nell'età della Restaurazione: un aspetto della ricerca archeologica: la collezione di vasi attici di Luciano e Alexandrine Bonaparte, riprodotta nei disegni del 'Gerhard'scher Apparat'». *Atti della Accademia nazionale dei Lincei*. Roma: Accademia nazionale dei Lincei, 207-436.
- Expediente de clasificación de pensión de Morales Palmeiro, Ermelinda* (1883). Expedientes de clasificación de pensiones de viudedad y orfandad de funcionario. Madrid: Archivo General de la Administración.
- Fialho de Almeida, J. (1883). «A venda Zea Bermúdez». *Jornal da Noite*, 3(750), 2.
- Fialho de Almeida, J. (1925). *Vida Errante*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Gerhard, E. (1843). *Auserlesene Griechische Vasenbilder, hauptsächlich Etruskischen Fundorts*, Bd. 2. Berlin: Reimer.
- Gonçalves, R.A. (2020). «Para além da Pintura. Alguns apontamentos sobre as outras coleções do conde Daupias». *Midas. Museus e Estudos Interdisciplinares*, 11, 1-18. <https://doi.org/10.4000/midas.2032>.
- «Habitacões Artísticas. A casa do sr. Miguel Angelo Lambertini» (1906). *Ilustração Portuguesa*, 11 Junho, 502-11.
- Halbertsma, R.B. (ed.) (2017). *The Canino Connections. The History and Restoration of Ancient Greek Vases from the Excavations of Lucien Bonaparte, Prince of Canino (1775-1840)*. Leiden: Sidestone Press.
- «Hotel Continental» (1891). *Diario Ilustrado* 6598 (13 Agosto), 1.
- Imposto sucessório de Francisco Zea Bermúdez – PT/ACMF/DGCI/LIS/LIS4C/IS/03070* (1883). Direcção-Geral dos Impostos. Lisboa: Arquivo Histórico do Ministério das Finanças.
- «Interiores Elegantes do Rio. A casa do Dr. José Prestes» (1914). *Revista da Semana* (21 Março), s/p.
- Les collections du cardinal Fesch, histoire, inventaire, historiques*. Institut National d'Histoire de l'Art. <https://agorha.inha.fr/ark:/54721/61>.
- Libório, J.S. (1912). *Catalogo da Exposição d'Arte Decorativa promovida por José dos Santos Libório*. Rio de Janeiro: s/n.
- Libório, J.S. (1913). *Exposição de Arte Retrospectiva realisada no Salão Nobre do Hotel dos Estrangeiros promovida por José dos Santos Libório*. Rio de Janeiro: s/n.

- Lista de objectos d'arte e outros que põe em venda Michel'Angelo Lambertini* – PT-MNAA-AJF-APF-MNAA-D-00002-000007. Arquivo José Figueiredo. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Lyons, C.L. (2007). «Nola and the Historiography of Greek Vases». *Journal of the History of Collections*, 19(11), 239-47.
- Mariz, V. (2018). «José dos Santos Libório (1850-1923), um notável elo de ligação entre os mercados de arte português e brasileiro». *MODOS*, 2, 271-91. <https://dx.doi.org/10.24978/mod.v2i2.1072>.
- Mariz, V. (2021). «A coleção de vasos gregos de Francisco Zea Bermúdez y Navarro». *Harvard Dataverse*, V1. <https://doi.org/10.7910/DVN/RUBCGT>.
- Martín, R. (2015). «La colección arqueológica del marqués de Cerralbo: datos sobre su procedência». *Museos y antigüedades. El coleccionismo europeo a finales del siglo XIX = Actas del Encuentro Internacional Museo Cerralbo*. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 74-99.
- Morais, R.; Ferreira, D. (2018). «Antiguidades egípcias, gregas e romanas». *João Allen. Coleccionar o mundo*. (Porto, Museu Nacional Soares dos Reis, 29 de Junho-30 de Setembro 2018). Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, 142-7.
- Nørskov, V. (2002). *Greek Vases in New Contexts. The Collecting and Trading of Greek Vases. An Aspect of the Modern Reception of Antiquity*. Aarhus: Aarhus University Press.
- Protásio, D.E. (2016). «Francisco de Zea Bermúdez e alguns aspectos da política externa portuguesa do seu tempo (1828-1824)». *Hispania Nova*, 14, 24-43.
- Ramalho Ortigão, J.; Eça de Queiroz, J. (1883). *As Farpas. Chronica Mensal da Política, das Letras e dos Costumes. 4a série, no 3*. Lisboa: Empreza Litteraria Luso-Brazileira.
- Rocha Pereira, M.H. da (1955). «Notícia acerca de vasos gregos existentes em Portugal». *Hvmanitas*, 7-8, 177-94.
- Rocha Pereira, M.H. da (1959). «Notícia acerca de vasos gregos existentes em Portugal – IIa parte». *Hvmanitas*, 11-12, 11-32.
- Rocha Pereira, M.H. da (1975). «Four South Italian Vases in the Lisbon District». *Hvmanitas*, 27-8, 227-36.
- Rocha Pereira, M.H. da (2007). «O coleccionismo de vasos gregos em Portugal: Breve apontamento». *Vasos Gregos em Portugal. Aquém das Colunas de Hércules*. Lisboa: Instituto Português de Museus e Museu Nacional de Arqueologia.
- Rocha Pereira, M.H. da (2008). «Os vasos gregos: caminhos e descaminhos do coleccionismo português». *Vasos Gregos em Portugal. Coleção Dr. António Miranda*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 48-51.
- Rocha Pereira, M.H. da (2010). *Greek Vases in Portugal*. Coimbra: Imprensa Universitária.
- Rodrigues, N.S. (2017). «Hídria de figuras negras com Aquiles e Troilo». Neto, M.J. (ed.), *Monserate Revisitado. A Coleção Cook em Portugal*. Lisboa: Caleidoscópio; Parques de Sintra – Monte da Lua, 386-7.
- Sarti, S. (2014). «The Vase Collection of the Marquis Giovanni Pietro Campana in Rome». Schmidt, Steinhart 2014, 93-102.
- Serrão, V. (2001). «As colecções artísticas Sousa e Holstein/Palmela. Notas sobre um recheio colecionista de excepção». Pinto de Matos, M.A.; Campilho, M.S.H. (eds), *Uma Família de Coleccionadores. Poder e Cultura. Antiga Coleção Palmela*. Lisboa: IPM, 73-89.
- Schmidt, S.; Steinhart, M. (eds) (2014). *Sammeln und Erforschen: Griechische Vasen in neuzeitlichen Sammlungen*. München: C.H. Beck.
- Sparks, B.A. (1996). *The Red and the Black. Studies in Greek Pottery*. London; New York: Routledge.
- Xavier, H. (2014). *O Marquês de Sousa Holstein e a Formação da Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

